

Mundo



DERROTA PARA BIDEN
Senado dos EUA barra pacote migratório
 Plano também previa a liberação de ajuda militar para Israel, Ucrânia e Taiwan



Aquecimento global. Grupo de esquiadores prepara-se para descer em uma pista de esqui em Girona, Espanha, enquanto o resto da montanha, sem neve, apresenta-se impróprio para o esporte

ANA LÉCIA AZEVEDO
 @luciaazevedo

O planeta continua a bater recordes de aquecimento. O mês passado foi o janeiro mais quente já registrado na Terra, informou ontem o Serviço de Mudanças Climáticas Copernicus (C3S), a agência europeia do clima. Janeiro também foi o oitavo mês seguido de recorde de calor para cada mês específico do ano — desde junho de 2023, que foi o mês de junho mais quente já registrado. E, pela primeira vez, o mundo teve um período de 12 meses (fevereiro de 2023 a janeiro de 2024) com a temperatura média mais que 1,5°C Celsius acima da do período pré-industrial, usado como marco do início do aquecimento global.

EL NIÑO ATACA

Tanto o Copernicus quanto a Organização Mundial de Meteorologia haviam alertado que 2024 deveria seguir a tendência de aquecimento e até superar 2023, o ano mais quente já registrado. Por trás de tanto calor está uma combinação de El Niño com mudanças climáticas, disseram os cientistas do Copernicus.

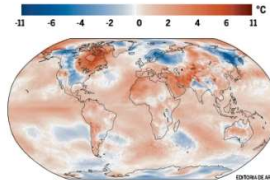
A vice-diretora da rede, Samantha Burgess, declarou

JANEIRO TÓRRIDO

Agência europeia alerta que 2024 teve início mais quente da História

NOVO RECORDE DE AQUECIMENTO EM JANEIRO

As temperaturas de janeiro são as maiores para este mês do ano já registradas em qualquer período desde que as medições começaram, em 1850



e temperaturas glaciais de até -40°C. A temperatura média dos últimos 12 meses (fevereiro de 2023 a janeiro de 2024) também é recorde. Ela está

vista para não antes de 2030.

Cabe esclarecer que um ano apenas acima de 1,5°C não caracteriza que o limite foi rompido, mas que o mundo está numa rota perigosa para desequilíbrios e extremos climáticos. A temperatura média da Terra em 2023 foi 1,48°C acima do período pré-industrial. O Copernicus faz suas avaliações baseado em bilhões de medições coletadas por satélites, estações meteorológicas, navios e aviões mundo afora.

Janeiro foi extremo na Europa, com frio polar no Norte, mas teve uma onda de calor fora de época no Sul do continente. Segundo o Copernicus, as temperaturas mais acima da média foram registradas no leste do Canadá, noroeste da África, Oriente Médio e Ásia Central, do oeste do Canadá, a região central dos EUA e a Si-

beria ficaram abaixo da média histórica. A América do Sul, em pleno verão, teve temperaturas elevadas, mas não destacadamente acima da média.

Um dos fatores que estão puxando a temperatura do planeta para cima são os oceanos muito quentes. O El Niño começou a se enfraquecer em janeiro, no Pacífico Equatorial, mas os demais oceanos continuam anormalmente quentes. A previsão é de que as condições de El Niño se mantenham até abril ou maio, embora com menos intensidade do que no fim de 2023 e neste início de 2024.

A Agência Americana de Atmosfera e Oceanos (Noaa, na sigla em inglês), que monitora o El Niño, disse que ainda é cedo para afirmar que o fenômeno está numa escalada decrescente, pois nos últimos dias a temperatura do mar voltou a subir junto à costa do Equador, do Peru e da Colômbia. Porém, a tendência é de que enfraqueça gradualmente.

Um planeta aquecido é um mundo em desequilíbrio climático. Na América do Sul, o maior desequilíbrio de janeiro foram as chuvas acima da média no Sul do Brasil e na Argentina. O leste da Austrália e o sudeste da África também estiveram mais chuvosos. A Europa registrou tanto tempestades severas quanto secas. E foram justamente as secas mais intensas que chamaram mais atenção dos cientistas.

SECAS, INCÊNDIOS E DEGEL

Na América do Sul, as piores secas foram registradas no Chile e criaram condições propícias a incêndios florestais, como o que atinge a região de Valparaíso, o pior da história recente do país. A seca, que se arrasta pelo início de fevereiro, também afetou em janeiro o Chifre da África, a Península Arábica, parte do Canadá, do México e dos EUA, além de Ásia Central e oeste da Austrália.

As anomalias de janeiro também se fizeram sentir na Antártica. A cobertura de gelo sobre o mar ficou 18% abaixo da média para janeiro. Porém, recuperou-se em relação ao mesmo período em 2023, 31% menor. O Ártico, em pleno inverno, está na média histórica.

A vida selvagem nas lentes que registram o planeta Terra

Prêmio People's Choice Award seleciona as 4 finalistas na categoria em 2023, entre urso-polar, leas amorosas e balé de pássaros

IMAGENS

Um jovem urso-polar adormeceu com a cabeça recostada numa coluna de gelo. O clique, da britânica Nina Sarikhani, ganhou o prêmio People's Choice Award de Fotografia de Vida Selvagem do Ano. De acordo com a rede BBC, Sarikhani fez o registro depois de três dias de busca por ursos polares em meio à espessa neblina do arquipélago norueguês de Svalbard.

—A imagem convida e de tirar o fôlego de Sarikhani nos permite ver a beleza e a fragilidade do nosso planeta —disse o diretor do Museu



"Guarda compartilhada". Leas expressam carinho por um filhote no Quênia

de História Natural, Douglas Gurr. —Sua imagem instigante e um lembrete claro do vínculo integral entre um



"Murmúrio de Starling". A revoadada com forma de pássaros em Roma, Itália

animal e seu habitat e serve como uma representação visual dos impactos prejudiciais do aquecimento climático e da perda de habitat. O segmento de fotografia da vida selvagem e os filmes de arte de todo o mundo puderam votar numa lista de 25 imagens. Chegou-se, então, a quatro finalistas "altamente elegantes" pelo grupo.

Nos cliques, Tzahi Finkelstein fotografava, escondido, alguns pássaros da costa, quando viu uma tartaruga caminhar em águas rasas, nos Balcãs. Ele registrou o momento em que uma libélula pousou no focinho do animal.

Já Daniel Denescu passou horas "seguindo aves pela cidade e subúrbios de Roma, na Itália" e conseguiu um registro do bando, num dia sem nuvens, no formato de pássaro gigante.

Outra imagem elogiada foi a de duas leas, no Quênia, que dividiam os cuidados de um filhote. O fotógrafo Audun Rikardsen também foi destacado para registrar, com seu equipamento em uma caixa à prova d'água, águas-vivas iluminadas pela Aurora Boreal do norte da Noruega.



Conheça #UMSOPLANETA — o maior movimento editorial brasileiro para promover práticas sustentáveis e enfrentar a mudança climática. Acesse umsoplaneta.globo.com

